

As Dokas de Londres

Não é uma cidade Londres; é uma provincia, é um reino, é um mundo, mundo nebuloso, sombrio, infernal, planeta que gira sempre longe do sol e em cuja fumosa atmospherá nunca penetra um raio dessa luz alegre que inunda as nossas modestas praças, as nossas ruas despidas de maravilhas, os nossos caes desertos que o Tejo beija com os labios azues.

Quando Deus arrojou aos espaços este mundo maravilhoso, a inveja entornou o seu fel no animo de Satanaz, e o deus do mal começou a ruminar na sua mente diabolica o projecto de um outro planeta, que, para assim dizermos, enxertasse na terra como no Adão primitivo, imagem do Omnipotente, enxertára o homem degenerado. Longo tempo meditou, scismou, esboçou, apagou e quando teve afinal reunidos todos os elementos da sua obra infernal, quando pôde emprestar á industria humana uma scintilla das chammás eternas para pôr em ebullicão a agua nas caldeiras, quando pôde accumular no ponto mais sombrio do orbe as riquezas extraidas do Oriente maravilhoso, o ouro enterrado nas minas americanas, quando excitou assim a um ponto desmedido a cubiça dos homens, e conseguiu enfeixal-os num canto escuro do Middlesex, soltou um grito de triumpho; tinha o seu planeta, o seu mundo, o seu solio na terra, e esse solio, esse mundo, esse planeta era Londres.

E Deus desviou com tristeza o seu olhar de luz, e a indigencia livida expoz os seus andrajos ás portas dos palacios marmoreos, e a devassidão repugnante atrigou-se á sombra das estatuas, e

White-Chapel aninhou-se ao lado de Westminster, as ruas immundas da City collearam ao longo de Regent-Street, a locomotiva fez ondear o seu pennacho de fumo ás portas do Pandemonio inglez; surgiram as dokas maravilhosas, os edificios soberbos, os palacios, os templos, e em torno delles a casa infecta, o lupanar obscuro, a taverna embrutecedora; a opulencia campeou soberba e triumphante esmagando a miseria, e desse conjunto assombroso de grandeza e de vicios, de esplendor e de trevas fugio o sol, a luz serena; e a noite immensa e eterna envolveu constantemente no seu manto dubio a cidade prodigiosa.

Quem poderá enumerar os monumentos, as magnificencias de Londres? Nessa nova Babylonia os jardins suspensos, as muralhas colossaes tiveram competidores e herdeiros; mas não foi o capricho de um rei que fez brotar do solo os edificios gigantes, foi a vontade energica de um povo. A livre Inglaterra só reconhece um Deus, o ouro, só reconhece um culto, a industria, e são os templos desta religião as Mafrás e os Escuriaes de Londres.

Entre todas essas construcções titanicas avultam indubitavelmente as dokas. A Inglaterra, dominadora do mar pelas suas esquadras, soube domal-o por todas as fórmás, e curvando o collo das vagas debaixo das quilhas dos seus navios obrigou-o a vir, como escravo obediente, abrir-lhe portos artificiaes nos sitios onde a natureza lhos negára. Assim, as dokas gigantes de Liverpool transformaram numa bahia segura a amplidão desabrigada do mar da Irlanda onde desemboca

o Mersey. Em Londres não era tão grande a dificuldade; não se travara a lucta com o Oceano, mas com um dos seus feudatarios, o Tamisa, cujas aguas desapparecem debaixo da floresta immensa de mastros que atulha constantemente a vasta garganta do rio.

Mas ainda assim não bastava a enseada natural ao negocio immenso de Londres. O corpo commercial então emprehendeu a construcção gigante das Dokas; abriu no seio da terra vastissimas caldeiras, onde se engolphou o rio, proporcionando vastas e seguras succursaes do porto principal aos navios innumerados, que veem descarregar a Londres. À beira dessas caldeiras construíram-se magnificos armazens. E quando se fez a primeira parte dessa gloriosa empresa? Causa admiravel, que demonstra a immensa vitalidade da Inglaterra! As dokas da companhia das Indias Occidentaes, primeiras que se abriram em Londres, foram começadas em junho de 1800, e terminadas em agosto de 1802, isto é, na época nefasta para a Inglaterra, que precede a breve paz de Amiens, quer dizer no tempo em que os recursos do paiz, quasi esgotados, obrigavam o implacavel Pitt a sair do ministerio, para que se concluísse um tratado com a França, tratado que estava sendo tão necessario á Grã-Bretanha, exhausta de forças quando a França, impellida pela mão poderosa do primeiro consul, subia da miseria extrema ao auge da prosperidade, que o povo de Londres, no auge do jubilo causado pela conclusão da paz, levou até o seu palacio, puxada a braços, a carruagem do coronel Lauriston, embaixador francez. Foi nesta época de revezes e de crise commercial que se ousou emprehender e terminar uma obra de tamanho alcance.

Essas dokas são abertas numa ilha do Tamisa, que se chama ilha dos Cães; tem desse modo a vantagem de possuir duas entradas, porque a caldeira, saindo do rio e atravessando a ilha, vae no rio desembocar.

Em 1803 a companhia das Indias Orientaes abriu, logo abaixo das antecedentes, outras, cuja construcção terminou em 1806. Em 1805 entrou o Estado em scena, construindo as dokas chamadas especialmente dokas de Londres. Finalmente, em 1827, entre estas e a torre ergueram-se as dokas chamadas de Santa Catharina, muito notaveis pela sua sumptuosidade. São de marmore as escadarias dos caes. Orlam-nas magnificos armazens. São estas ultimas as que a nossa gravura representa.

M. PINHEIRO CHAGAS.

A NOIVA DO CADAFALSO

(Episodio da guerra do Roussillon)

I

PRELIMINARES HISTORICOS

(Continuado de pag. 24)

La Rochejacquelin e Stofflet reanimam os restos mutilados das suas heroicas phalanges, derrotam o general Tribout em Pontorson, Westermann em Dol, e obrigam o valente Marceau, que vem em seu au-

xilio, a recuar até os arredores de Trans. No dia seguinte Westermann é de novo batido, juntamente com o general Marigny. Deixando estes em plena derrota, os Vendéanos voltam-se contra Marceau e Kléber, batem-nos, apesar da sua habil e intrepida resistencia, perseguem-nos até Antrain, desalojam-nos deste ponto, e forçam-nos a refugiarem-se em Rennes. O exercito republicano está desorganizado. Kléber e Marceau, os dois heroes desta guerra, conseguem restabelecer a ordem, suffocar as dissensões entre os generaes, retomam a offensiva, batem os insurgentes em Mans, perseguem-nos até Savenay, derrotam-nos de novo, e terminam a campanha com a destruição quasi completa do exercito vendéano.

Entretanto nos Pyrenéos continuava a fortuna a bafejar as armas hespanholas, sem comtudo lhes assegurar as vantagens decisivas que se deviam esperar da sua magnifica entrada em campanha. No dia 17 de julho atacou Ricardos o acampamento francez, e foi repellido. Esta victoria, pequena em si, teve sobre o exercito francez um immenso effeito moral; reanimou os espiritos desalentados, e inspirou-lhes até idéas de retomarem a offensiva. O general em chefe Barbantane, que succedera a Deslers, envia o bravo general Dagobert, com tres mil homens, para invadir a Cerdeña e ameaçar dessa fórma o flanco esquerdo e as communicações do exercito hespanhol. Oppuseram-se-lhes os marechaes de campo D. Diogo de la Pena, e D. Raphael Velasco, sem conseguirem deter a marcha do destacamento francez, mas tambem sem que os successos obtidos pelos republicanos inquietassem de fórma alguma Ricardos, que proseguio a sua marcha, enviou o general Crespo contra Villefranche, que lhe abriu as portas, ameaçou o acampamento francez, a abrigo dessa diversão, que illudiu os republicanos, atravessou o rio Tet proximo de Soler, torneou o exercito de Barbantane, e levou diante de si a ala direita que foi, recuando, refugiar-se em Salces, a poucas leguas de Perpignan. Com esta habil manobra operára Ricardos, e fizera operar ao inimigo uma mudança de frente toda em desvantagem deste. Com effeito os republicanos, com a ala esquerda em Perpignan, e a direita em Salces, com o mar na retaguarda, deixavam aberto o caminho do interior, e achavam-se collocados de modo que uma derrota seria para elles a destruição completa.

Era representante do povo junto do exercito dos Pyrenéos o energico Fabre, o mesmo que suffocára de passagem a insurreição da Lozère. Conscio das terriveis circumstancias em que se achava o exercito e percebendo que não era Barbantane chefe capaz de se medir com o intelligente Ricardos, demitte-o em virtude dos seus poderes discricionarios, e chama ao commando de todo o exercito o velho Dagobert que, depois de ter repellido os marechaes de campo D. Diogo de la Pena e D. Raphael Velasco até Seo d'Urgel, se preparava a fazel-os retirar até Camprodon. Entretanto fazem os francezes de Salces e de Perpignan uma tentativa desesperada contra os hes-

panhoes, tentativa que o successo coroa. Davoust, futuro marechal do imperio, futuro principe de Eckmühl, futuro duque de Auerstaedt, e Perignon, futuro marechal e marquez do imperio, dirigem as duas columnas. Os hespanhoes são repellidos vigorosamente e voltam ao seu acampamento de Mas d'Eu.

Nisto chega Dagobert, e intenta proseguir os successos-obtidos, investindo o acampamento inimigo. Perdendo a 22 de setembro a batalha de Truillás, o exercito francez torna em desordem para as suas posições de Perpignan.

Vem um quarto general commandar a força republicana. É este o general Turreau. Um reforço de quinze mil homens habilita-o a reparar as perdas de Truillás. Retoma Villefranche, e Ricardos, prudente e habil, retira em boa ordem sobre Ceret. Seguem-no os republicanos e são batidos. Imaginam tornejar o exercito hespanhol; mas esse movimento, confiado a tres columnas pouco numerosas, não dá em resultado senão a derrota dessas tres columnas. Turreau é enviado à Vendéa, e o general Doppet, que se distinguira no cerco de Lyão, vem substituil-o.

Comtudo os hespanhoes viam-se numa posição melindrosa. Chegára o mez de novembro e as chuvas invernosas, os rios alagando as planicies tinham interrompido as communicações dos varios acampamentos hespanhoes. O exercito francez, ainda que desorganizado pela derrota, e todo composto de recrutas, era numeroso. O imprevidente governo de Madrid não enviava reforço aos seus briosos soldados, e ao seu habil general. Ricardos apesar das ultimas victorias, via-se nas mais terriveis circumstancias de toda essa campanha, quando entrou em linha a divisão auxiliar portugueza.

Talvez os leitores achassem prolixos e fastidiosos estes longos preliminares de um modesto romance, que se annuncia apenas como um simples episodio da guerra tão conhecida entre nós pelo nome de guerra do Russilhão. Mas julgamos que não seria inutil para que os leitores tomassem algum interesse pelas peripecias deste dramasiinho, desenrolando-se no meio do immenso turbilhão dramatico da revolução franceza, que lhes resumisse rapidamente e a largos traços o quadro geral dessa grande época. Então deslumbrados pelo esplendor da vastissima tela, cujos reflexos desejei que allumiassera as paginas do meu romance, talvez os leitores seguissem com menos desatenção os personagens a que dei um papel nos primeiros actos dessa tragedia sublime, que durante vinte e cinco annos occupou a attenção da Europa.

M. PINHEIRO CHAGAS.

(Continua)

OBRAS DE CATALDO AQUILA SICULO.

Cataldo, natural da Sicilia, estudou em Bolonha, academia então celebre, e formou-se em direito. Desejando D. João II escolher um mestre habil para seu filho natural D. George havido de Anna

de Mendonça, escreveu a João de Azevedo, que então se achava naquella cidade, para lhe procurar um. Foi então Cataldo o recommendado, o qual para o referido fim veio para Portugal. (1) Dirigio-se então Cataldo para Aveiro, onde se achava D. George entregue aos cuidados da princeza Santa Joana. Dahi a dez annos passou este principe para casa do Conde de Abrantes, para onde foi tambem Cataldo. Morrendo D. João II, D. Manoel servia-se de Cataldo para lhe escrever cartas em latim, e ao mesmo tempo occupava-se este na educação dos filhos das pessoas mais nobres da corte. Nisto se occupou durante sua vida, até que veio a morrer em Lisboa com 52 annos de idade.

I

Em relação à sua época, possuia Cataldo bastantes conhecimentos, e vê-se pelas suas obras, que era eminente no conhecimento da lingua latina, na qual todas ellas são escriptas. O unico exemplar que destas por ora me conste existir em Portugal é (2) o que está actualmente na Bibliotheca Publica do Porto, e riquissimo repositorio das mais raras preciosidades litterarias. Ao mencionado exemplar falta o frontispicio e algumas folhas no fim; na primeira lê-se o seguinte titulo:

Cataldi aquile primus ad Emanuelem philosophantissimum portugaliae regem: ethiopiae maritimae et indiae.

Esta obra, da qual já o Sr. A. Herculano fez menção no 1.º vol. do *Panorama*, tratando da origem da typographia portugueza, é em folio; os caracteres são os proprios da época, isto é, gothicos.

Diz-se na primeira folha, em letra de mão, que este livro pertencera à livraria de Santa Cruz de Coimbra, e no fim da obra tambem se acha escripto na mesma forma de letra:

Impressum Utisbone anno a partu Virginis MD mensis Februarii die XXI.

Além deste livro se tornar digno de muito apreço pela sua raridade, torna-se tambem muito estimavel por ser um monumento do progresso da arte typographica neste paiz. Foi o seu impressor, conforme se diz no 1.º vol. do *Panorama*, Valentim de Moravia. Traz esta obra uma interessantissima carta dirigida a um judeu de Napoles, cuja leitura se torna recommendavel para se conhecer a maneira de argumentar e o espirito de intolerancia daquella época. Para melhor intelligencia della deve-se saber que tendo os hespanhoes expulsado de seus estados os judeus, pediram a el-rei D. Manoel que fizesse o mesmo, no que este concordou persuadido por alguns dos seus intolerantes conselheiros. De poucas perseguições tão crueis a historia nos faz menção, como

(1) Neste resumo biographico, extraido do que precede a collecção das obras de Cataldo publicadas no vol. 6 das Provas da Historia Genealogica, composto em latim por Antonio de Castro, nada se vê que nos possa levar a acreditar que Cataldo, por se ver desprezado na sua patria, se viera estabelecer em Portugal, como nos diz o *Panorama*, no vol. 1.

Esta nova edição vem acompanhada de muitas notas e correções.

(2) Antonio Ribeiro dos Santos tinha conhecimento de 3 exemplares ainda existentes em seu tempo. Mem. de Litt. vol. 8 pag. 97.

daquella, que então se moveu contra os pobres judeus. Muitos viram-se obrigados a abjurar sua crença, pelo menos aparentemente; outros preferiram o desterro, ficando sem seus filhos, pois D. Manoel ordenou que todos os filhos dos judeus, que saíssem do reino, tendo menos de 14 annos de idade, lhes fossem tirados, para serem instruídos nos dogmas da nossa religião. Muitos paes e mães pegavam em seus próprios filhos, e os lançavam aos poços e rios, ou os matavam por qualquer outro modo, para os não entregarem aos seus oppressores: e a desesperação chegou a tal ponto, que alguns se matavam para não passarem por esta separação dolorosa. (3)

Eis aqui a traducção da referida carta:

Cataldo ao venturoso Rabi napolitano afim de o converter á verdade.

«Acorda, acorda depressa: ergue finalmente a cabeça: até agora, bastante, de mais, demasiadamente tens dormido.

«E' chegado o tempo de despertar. Por que vacillas ainda, e não vaes lavar todo esse corpo com a agua sacralissima e verdadeiramente salutarifera?

«E' o amor da patria que me obriga a escrever-te. E' mais leve o crime saindo-se tarde do erro, do que permanecendo nelle. Se me fôra possível, da melhor vontade, pessoalmente, fallaria contigo mesmo.

«Não vês tu claramente todo o mundo numa inundação contra os judeus? arder todo o mundo em fogo contra elles? Vós já estaes reduzidos a nada: tendes sido expulsos da Allemanha, Inglaterra, Hespanha, França e da Sicilia: finalmente de toda a Europa para a casa da perdição. Não tendes onde reclinar a cabeça, ou melhor direi, onde ponhaes um so pé!

«Como é grande a vossa cegueira! Não reconheceis que tudo isto vem de Deus? Não queiras ser, eu to rogo, um tão constante soldado para perdição do teu corpo e da tua alma. O elementissimo Deus pelo espaço de mil e quinhentos annos, suavissimamente vos chamou para si, e vos sustentou: e agora mesmo, apesar de toda a vossa dureza, não cessa de vos chamar: actualmente insta muito mais do que antes, sendo esta a ultima admoestação.

«Com effeito, Manoel, ministro de Deus santissimo, vos admoesta como a carissimos filhos, e vos dirige para o caminho da verdade. Não me admiro de que os ignorantes e os jovens se conservem muito pertinazes; mas sim dos peritos e dos velhos, versados em tantos e tão excellentes livros.

«Se tu não queres crer em tantos milagres não só manifestados, mas tambem evidentissimos depois do nascimento do nosso Redemptor, crê nos teus muitos e grandes prophetas, cantando de diversos modos, como musicos em concerto, a concepção de nosso Salvador, a sua natividade, humanidade immaculatissima, vida, paixão e resurreição.

«Todas essas bellas prophcias, tendentes to-

das ao mesmo fim, já foram plenamente cumpridas. E a não seres tu um homem instruido, de boa vontade t'as repetiria uma por uma. Nessas prophcias muitas vezes os prophetas fallando no preterito se referiam ao futuro; *Como filhos os creei e exaltei, porém elles me desprezaram. Conheceu o boi o seu dono, e o jumento a estrebalaria que lhe dava o seu amo: porém Israel me não conheceu. E elle foi levado como um cordeiro á morte. Sublevaram-se os reis da terra, e os principes se congregaram contra o Senhor e contra o seu Christo: e outras muitas, que tu bem sabes, e cujo clarissimo sentido tu embaraçado invertes e depravas com rodeios e subterfugios.*

«Mas, dizes, (como tambem é costume dos outros) se Deus tinha um tão ardente desejo de reparar o genero humano, não o poderia fazer com o minimo aceno, conforme aquellas palavras: *O mesmo fallou, e tudo foi feito: o mesmo ordenou, e tudo foi creado?*

Ó miserrimo entre os miseraveis! Sequioso no meio das cristalinas e abundantes fontes, não vês a agua, e faminto no meio das mais delicadas iguarias recusas a comida? Entre muitas sómente offerecerei, estando a ponto de pereceres, uma delicadissima de S. Thomaz, que se a comeres e digerires bem nunca morrerás: *Deus é a summa bondade, e pertence á summa bondade repartir de si alguma cousa com todos. Para nos fazer participantes dos seus bens foi conveniente que o Verbo de Deus encarnasse, que vivesse entre nós e nos ensinasse; finalmente, para exemplo da humanidade não recusou soffrer uma morte, pela qual se havia de viver eternamente.* Ora pois, amigo, dissipa da tua alma as trevas; arréda a escuridão dos olhos da intelligencia, e dirige os teus passos com facilidade para a direita, que é estrada real, pois nunca a esquerda é plana.

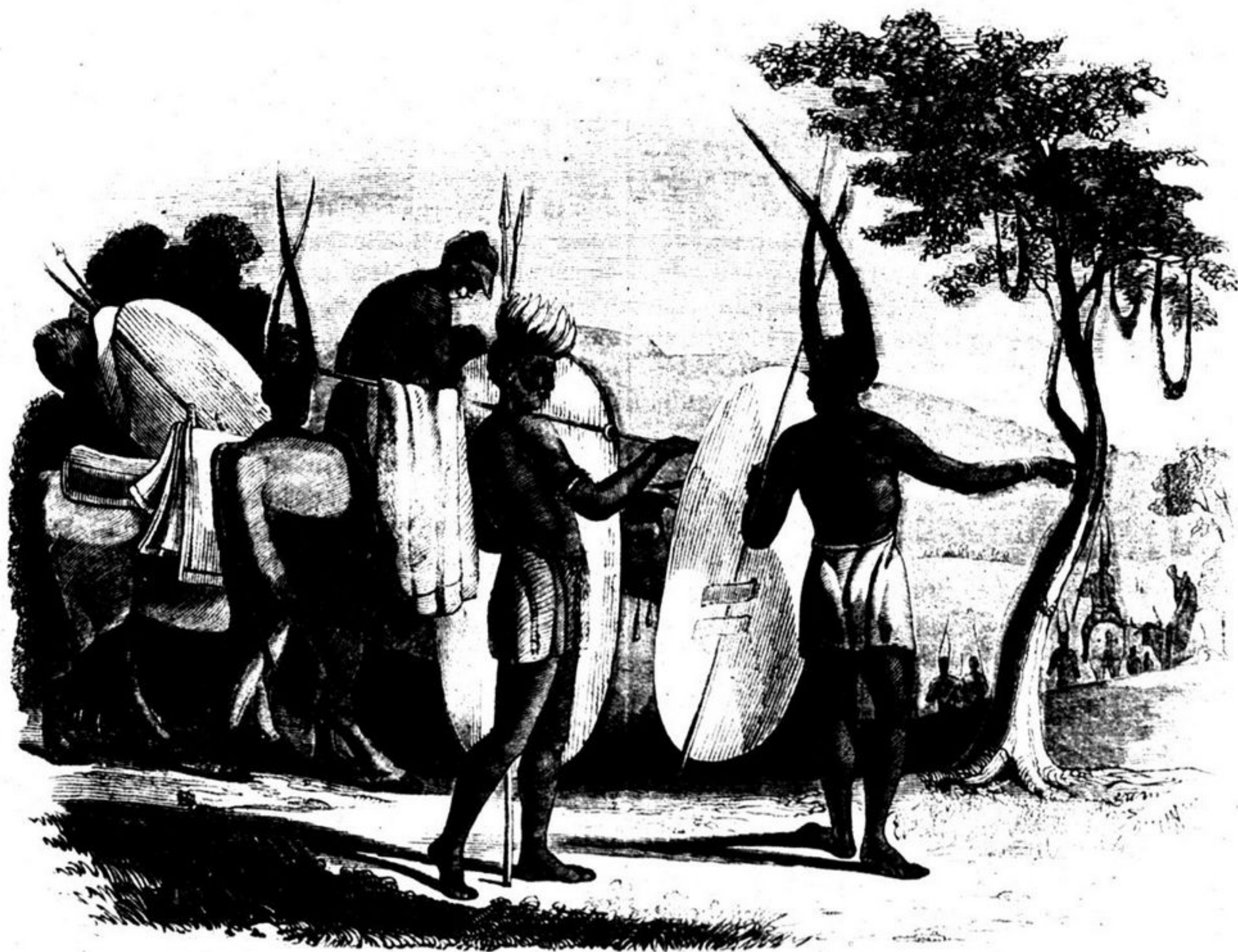
(Continúa.)

M. BERNARDES BRANCO.

UMA HORDA DE CAFRES MUDANDO DE CAMPO

Accumulam-se, e estão em proximo contacto no sul da vasta peninsula africana, dum e doutro lado do Cabo da Boa Esperança, duas raças negras completamente differentes, a dos hottentotes e a dos cafres. Parece que a natureza, para excitar o ardor dialectico dos phiosophos, quiz juntar no mesmo ponto os argumentos mais fortes, que podem ser apresentados pelos defensores e pelos adversarios da escravatura, pelos que, apesar da differença das cores, teimam em considerar os negros como nossos irmãos, e pelos que querem fazer delles uma especie d'elo intermediario ao orangotango e ao homem.

O hottentote com o seu nariz achatado, com a sua fronte deprimida, com a sua estupidez crassa, com os seus instinctos bestiaes, parece com effeito um ramo tão degenerado da especie humana, que são necessarias, realmente, uma coragem e uma caridade evangelica para darmos nas suas faces molles e côr de tinta o beijo fraternal.



Uma horda de cafres mudando de campo.

O cafre, pelo contrario, allivo, denodado, intelligente, industrioso, cruel por natureza, mas cruel como o leão e não como o chacal, se se conserva ainda no estado selvagem, não é porque a sua estupidez o torne incapaz de receber e de apreciar os beneficios da civilização, mas porque, com a sua independencia de nomada, difficilmente se curvaria ao jugo que o laço social impõe a todos os homens, que se ligam entre si por conveniencia mutua.

Foram os cafres os habitantes da costa africana que mais deram que fazer aos nossos navegadores. Atrevidos, como poucos, foram ás vezes mais factaes ás nossas armas do que os poderosos exercitos musulmanos. D. Francisco d'Almeida, o primeiro vice-rei da India, depois de ter espalhado o terror em toda a costa indiana, depois de ter fustigado o orgulho da briosa milicia que o sultão do Egypto enviara a essas partes orientaes, veio morrer miseravelmente nas proximidades do Cabo, ás mãos desses cafres bellicosos cujas tribus errantes levaram de vencida, em accessa refrega, os fidalgos e cavalleiros que tantas vezes tinham dispersado e obrigado a vergonhosa fuga as profundas cohortes musulmanas.

Foi talvez, foi de certo esta bravura indomavel que desviou sempre a civilização das hordas dos Cafres. Pódem no seu territorio levantar-se as

mais populosas cidades, póde a civilização desbravar-lhes os matos, e irradiar a luz dos seus factos até os mais mysteriosos recessos do sertão africano, sempre haverá um canto de floresta, um pincaro de montanha onde os Cafres se refugiem, onde possam assentar as suas tendas vacillantes, e aninhar a sua selvatica independencia. Raças assim extinguem-se, mas não se domam. Cedem, quando muito á brandura de santos missionarios. Mas foram raros em todos os tempos, e agora mais do que nunca, os Franciscos Xavieres e os Josés de Anchieta, unicos que seriam capazes de operar o milagre.

A tribu mais notavel dos cafres é a dos kabouqueses. De feições regulares, sem nariz chato, sem maçãs do rosto proeminentes, negros e luzidios como o azeviche, e não duma côr torrada, tendo apenas, como os seus irmãos de raça, os cabellos curtos e encarapinhados, póde-se dizer que são os kabouquezes os europeus da Africa meridional. A sua physionomia moral, por assim dizermos, differe tanto de todos os outros negros como as suas feições physicas. Entrê as suas mulheres é o pudor venerado, pasmosa excepção na raça negra, onde reina a mais desenfreada lascivia, onde os costumes se resentem da influencia dum céu de fogo, onde a virgindade é mais considerada como defeito do que como ornamento.

A indole dos kabouquezes é pacifica, sem deixarem elles de mostrar por isso na guerra, que é o estado normal das tribus selvagens, uma coragem leonina. Armam-se de frechas envenenadas, e de compridas lanças. Para defesa cobrem-se todos com uns escudos enormes feitos de pelles, e tão fortes que resistem ao embate das settas, por mais vigorosamente que o inimigo as vibre.

O seu systema de governo é differente do habitual nas tribus selvagens. O seu chefe é verdadeiramente rei absoluto, monarcha despotico. Apesar de não ter outro diadema que não seja um pennacho de plumas de arara, nem por isso os seus subditos, que usam simplesmente um pennacho de plumas de abestruz, deixam de lhe tributar o mais profundo respeito.

Estes pennachos enormes constituem o maximo enfeite destes povos; más, comtudo, não se limita a isso a sua *toilette*. Trazem sempre os braços e os pulsos carregados de braceletes de metal, de ouro, de missanga ou de vidro, e milhares de pingentes ornam-lhes as tangas.

A riqueza deste povo consiste em grandes rebanhos de vacas e de bois, que lhe serve para alimento, e que lhe substitue os cavallos. Com um freio, que lhes atravessa as ventas, esses pacientes animaes, montados pelos seus negros donos, nem são menos rapidos nem menos doces do que os nossos coreeis.

A lavoura é, como se póde imaginar, incompativel com a existencia nómada destas tribus. Assentam os seus acampamentos, a que dão o nome de *kraal*, nos sitios onde encontram pastagens. Quando começa a faltar o alimento para o gado, os kabouquezes enrolam as suas tendas feitas de pelles e de esteiras, põem-nas ás costas dos bois e vão á procura doutro acampamento, do modo que a nossa gravura representa.

M. PINHEIRO CHAGAS.

A HYPOTHESE DE PROUT

(Continuado de pag. 23)

III

E de feito, se no estudo das transformações da materia, nesse vasto e immenso laboratorio da natureza, ha objecto digno de aturado esforço e continuada lucta, e, de certo, a sonhada transmutação, a pesquisa da pedra philosophal e do pó projectivo, apesar das vaias e doestos, com que modernos sabios se aprazem de apodar os alchimios.

Pois o que significa a transmutação, na acceção folgada e philosophica da palavra, (deixando aliás no limbo todas essas ridiculas e infantilidades, que enxovaram ao depois em circulo estreito e desnaturaram as primitivas aspirações) senão uma investida a peito descoberto dos mais fortes reductos, onde se intrincheira a natureza?

A transmutação traz implicitamente a idéa da unidade e simplicidade da materia, porque se esta não fosse una e simples, se não fosse por toda a parte similar e homogenica; se não fosse sempre essencialmente a mesma, e prototypica, como transmudal-a, sem a aniquilar primeiro? Como con-

vertel-a em essencia diversa, sem que o homem podesse previamente reduzi-la ao nada?

Ora, por mui grande que seja o desvario humano, nas suas aberrações, não é crível que chegue ao ponto de qualquer homem se arrogar as propriedades creadoras, isto é, a omnipotencia.

Os alchimios, pois, assentavam, como fundamento necessario e virtual da sua doutrina, a unidade e simplicidade da materia, ou o que é o mesmo, as duas idéas mais philosophicas e racionais, que a sciencia moderna conjectura nas suas syntheses mais arrojadas, e que o sabio de Samos já havia antevisto, em um dos seus sonhos de vidente, quando deixava expandir a alma pela criação.

Determinada, pois, a racionalidade da base alchimica, e esquecendo, até, os inventos, que se hão feito nas épocas em que as sciencias occultas floresceram, não é licito escarnecer desses homens de fé robusta, que levaram toda a vida na observação. Os seus methodos são ridiculos e anti-scientificos; nunca o empirismo foi santificado como então; nunca fruiram tantos creditos e honras as praticas mais absurdas; mas é necessario considerar no atrazamento das sciencias, nas trevas que envolviam o mundo, nas superstições que enredavam os animos mais varonis.

E depois, força é dizel-o, se então houve abusões lastimosas, não as estamos vendo ainda hoje? Não vemos por ahi uma lucta tão renhida entre os partidarios das diversas theorias, que governam a chimica moderna?

Os proprios Bunzen, Hoffman, Berthelot, e Wurtz não são os primeiros a hesitar?

E além disto que meios de observação possuíam os alchimios? Nenhuns.

Sós, sem amparo, sem luzes, sem conselhos, sem methodos deductivos, sem theorias conciliadoras, vendo a natureza, que se erguia como um gigante, mysteriosa, respeitavel, ameaçadora, nem ainda assim recuaram e soçobraram. Caminharam ávante. Atacaram por todos modos, sem ordem nem commando. Eram guerrilhas que cançavam o inimigo e o perseguiram com denodo.

Dahi, ás praticas individuaes e a ausencia de escolas.

Podia um talento robusto e vontade firme trabalhar toda a vida, e não encontrar um só facto, não fazer um só descobrimento; podia outro, menos engenhoso, immortalisar-se logo aos primeiros passos.

Assim hade acontecer aonde o methodo não ajude um engenho, e o estudo bem dirigido, longe de o aguçar, o embote.

Assim acontece hoje aos cavadores de ouro na California.

É feliz o que encontra o fillão; outros lá morrem, sepultos nas alluviões, sem encontrarem nunca uma parcella, por ligeira que seja, do metal, que procuram, entre perigos e fadigas.

Fôra aqui, senão repugnasse á liberdade, o caso de acreditar no destino e no influxo da boa estrella.

IV

Ha vinte e tres seculos nascia em Clasomenes, na Grecia, um genio vastissimo. Anaxagoras, filho da escola ionica, discipulo de Anaximenes, longe de seguir a doutrina de Empedoclo, que fliava a natureza na existencia previa de um numero diminuto de elementos, prégou o theismo.

Talento arrojado, audaz, creador, perseguido e accusado de impio pelos Athenienses, que, certamente, o houveram immolado, se não fugisse da cidade ingrata, Anaxagoras antevio os progressos futuros da sciencia.

Dizia elle no seu livro *Da Natureza*, de que restam só fragmentos:

«No todo existe o todo. Cada atomo é um microcosmo. Os alimentos, que tomamos, produzem musculos, sangue, ossos, todas as partes do nosso corpo. Seria isto possivel, se não houvesse nos alimentos atomos identicos aos que compõem os musculos, o sangue, os ossos? Dividem-se os corpos em myriades de *homœomerias* ou particulas similares, as quaes são tambem indivisas e indestructiveis. Daqui se conclue que o numero das homœomerias não póde ser augmentado ou diminuido. A quantidade de materia, de que se compõe o mundo, é, pois, constante, quaesquer que sejam as suas transformações.»

Daqui, ao celebre axioma de Lavoisier — «nada se perde e nada se cria» — não dista um passo. Anaxagoras adivinhou a chimica moderna, e póde-se dizer que foi elle o primeiro philosopho, que fundou a philosophia atomistica. A elle, e não a Democrito, cabem as honras da prioridade.

Este, porém, explanou com singular felicidade a idéa aventada por aquelle, comparando os movimentos atomisticos aos dos corpos celestes, se bem que a paridade não exista, tão completamente, como Newton affirmou em seguida, e como d'Alembert, ainda mais audaz, disse na *Encyclopedia*: *o universo é a expressão de um facto unico.*

Roberto Boyle, contemporaneo e compatriota de Newton, escrevia:

«Qualquer que seja o numero de elementos, virá acaso um dia em que se prove, que elles consistem em corpusculos intangiveis, de fórma e grandezas determinadas, e que do arranjo destes corpusculos é que resulta o grande numero de compostos. Se, com tijolos da mesma côr e dimensões iguaes, construimos pontes, estradas, casas, por uma simples mudança na disposição dos materiaes da mesma especie; que multidão de compostos não produzirá o agrupamento variado dos corpusculos primitivos, que nós suppomos de fórma identica?»

Taes eram as idéas de Boyle sobre a constituição da materia, idéas que lhe vieram da leitura assidua e da experimentação diuturna e quotidiana.

Mas não eram estas tambem as idéas dos alchimios, de que Boyle foi o successor? Van Helmont, o descobridor do acido carbonino, o fidalgo flamengo, discipulo de Paracelso e de Bernar-

do de Palissy, não precedera tambem a Boyle no seu justissimo pensar?

A philosophia atomistica era pois a dos alchimios, que elles herdaram dos padres de Memphis e Thebas, e dos chrysopoetas. *Nada se perde e tudo se transforma na natureza*, diziam elles, exprimindo uma lei geral, de que estavam plenamente convencidos.

Prosigamos, porém, nesta rapida analyse, e vejamos como a sciencia moderna accitou e discutio a unidade e simplicidade da materia, e como os factos responderam á philosophia.

Querer demonstrar directamente a existencia dos *corpusculos primitivos*, de que falla Boyle, é absurdo e impossivel.

Só a inducção logica, e o exame racional dos factos nos pódem levar a admittir a existencia desses corpusculos.

E de feito, como explicar doutra sorte, as perpetuas e continuadas transformações da materia, transformações cycloidaes, como lhes chama Hofer, na sua historia da chimica? Como explicar de outro modo esse movimento molecular, eterno, continuo, fecuado?

Mas, admittida que foi esta hypothese eminentemente racional, para logo surgio uma duvida, que era forçoso desfazer.

Os corpos, que o homem transforma, por intervenção de reacções mutuas, pódem originar-se em proporções indefinidas empregando um numero arbitrário de componentes? Haverá alguma lei preestabelecida e absoluta que presida a estas transformações, segundo uma relação constante entre os componentes?

Tão moderna é a chimica, apesar dos seus assombrosos progressos, que no principio do seculo, ainda se ventilava esta questão, e corria forte e aere a discussão sobre um ponto tão fundamental.

Assim como os naturalistas modernos andam em guerra crua acerca da geração espontanea, assim tambem os chimicos de ha sessenta annos discordavam profundamente nesta questão, que é analogá aquella.

Dois foram os principaes campeões, que se apresentaram na liça, ambos illustres, ambos respeitaveis e respeitados.

Afirmava Berthollet, o auctor das celebres leis da dobrada decomposição, o discipulo de Lavoisier, o antigo sectario da doutrina phlogistica, que as combinações chimicas se fazem em todas as proporções, quando a crystallisação, ou outra qualquer causa physica não limitam o poder da afinidade.

Proust sustentava, pelo contrario, que os verdadeiros compostos são completamente caracterizados pela invariabilidade da relação, porque os seus elementos se combinam, e «todos os corpos do universo foram feitos na balança da eterna sabedoria.»

Adduzia Proust muitos factos a favor da sua theoria, e aos quaes Berthollet não poude responder.

Aperfeiçãoava-se emtanto a analyse, e tantos

eram já os factos conhecidos e determinados, que Wenzel e Richter trataram de os explicar theoreticamente, se bem que a Higgins, e, principalmente, a Dalton cabe a honra de terem formulado a conhecida lei das proporções multiplas.

Esta lei, que exprime um facto geral, póde enunciar-se assim: «as differentes quantidades do mesmo elemento, que entra na composição de um corpo, são multiplas ou sub-multiplas.

Esta lei das proporções multiplas é abrangida na theoria dos *equivalentes*, a qual vae mais longe, porque não só affirma o facto de uma certa quantidade de uma certa materia neutralisar uma outra quantidade de outra materia, senão que, e nisto está a sua excellencia, esquece as circumstancias, que acompanharam o facto observado, e torna permanente aquella equivalencia. Mas a equivalencia é uma noção relativa; isto é, para que os corpos se digam equivalentes, é necessario que a quantidade da materia, porque elles entram nas combinações, seja dada por um numero concreto, referido a uma certa unidade, a qual hade ser homogenea com elles, e bastante conhecida, por entrar em corpos perfeitamente determinados como os saes, acidos e bases.

Escolheu-se o oxigenio como unidade e formaram-se as primeiras taboas de equivalentes.

Sobreveio para logo uma difficuldade, e era, que havia metaes que se oxidavam differentemente, dando origem a diversas ordens de oxydos ou bases, como acontece, por exemplo, com o ferro.

Bastou uma convenção para cortar a difficuldade. Estabeleceu-se representar o equivalente de um metal pela quantidade d'elle, que, combinando-se com 100 partes de oxygenio, fórma um protoxido, sendo que os demais oxydos se representariam por fracções proprias ou improprias da unidade. Havia, pois, equivalentes fraccionarios, cousa que repugna ao nosso espirito, que acredita intuitivamente na harmonia da natureza.

Accresciam outras difficuldades e a theoria dos equivalentes, comquanto accrescentada e correctá, não explicava novos phenomenos observados todos os dias.

Nós já fallámos anteriormente da theoria de Democrito, fundada na philosophia de Anaxagoras.

A materia é divisivel, diziam os gregos. Mas será divisivel até o infinito? Como responder a esta pergunta, se o infinito foge do nosso alcance? Imagine-se, pois, disse Democrito, a materia composta de um numero incalculavel de particulas indivisas, particulas limites, infinitamente tenues, derradeira expressão da substancia. São os átomos. Leucippo e Epicuro accrescentaram e melhoraram a theoria de Democrito; Lucrecio cantou-a nos seus versos melodicos. Os modernos aperfeicoaram-na e entre elles não deve esquecer Bryon Higgins, que em 1773, ensinava, «que a attracção de um corpo não é senão a somma das attracções de todos os átomos elementares deste corpo, e que esta somma representa tambem o peso especifico d'elle.»

Gay-Lussac e Humboldt, em 1805, determinando pelo edimetro a composição da agua, acharam a seguinte lei «os corpos no estado gazoso, ou os vapores, são formados de átomos que se unem em proporções simples e constantes.»

Esta lei, que deu uma nova feição á chimica, já havia sido formulada, e com relação a todos os corpos, por Dalton.

Aconteceu, porém, que, mau grado tantos esforços, a natureza não se dobrou ás cogitações theoreticas. Debalde se amontoaram leis sobre leis, observadas em factos particuláres e applicadas immediatamente em these; a theoria atomica, assim como a theoria dos equivalentes, não correspondia ás necessidades da sciencia. —

(Continúa)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

A...

Eu quizera ter azas como a pomba
Para voar ao céu quando te vejo,
E no santo fervor do meu desejo
Purificar meus labios sobre os teus;
Unir meu seio oppresso ao teu, que ondula
Como a vaga de um rio transparente,
E contigo depois, anjo innocente,
Voar por esse azul de infindos céos.

A terra, para mim, é como um laço
Em que os tristes da vida se debatem;
Eu quero que os teus dedos me desatem
Essas péas fataes d'angustia e dôr;
Quero esquecer de todo o sangue e as lagrimas
De-que tenho orvalhado este caminho,
E descansar nas rosas desse ninho
Aquecido por ti ao sol do amor!

E. A. VIDAL.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Relatorio da Epidemia de Cholera-Morbus em Portugal nos annos de 1855 e 1856, seguido de uma breve noticia da epidemia de Cholera-Morbus nos annos de 1865 e 1866, feito pelo Conselho de Saude Publica do Reino. — PARTE II. — Lisboa. Impr. Nac.

Quereis saber, se trabalhos desta natureza são ou não interessantes? Reparae no que dizia o Conselho de Saude Publica do Reino ao Governo, em data do 1.º de julho de 1866, por occasião de lhe remetter o *Relatorio* que fica indicado:

— Sendo as epidemias factos lamentaveis e extraordinarios que occorrem durante a vida das nações, a historia destas e os annos da sciencia aproveitam sempre com vantagem os documentos authenticos de serrelhantes successos.

Seria superfluo accrescentar a menor ponderação a esta verdade axiomática, tão lucidamente exposta; e neste presuppôsto, direi apenas que este *Relatorio* subministra esclarecimentos de grande monta e de subido apreço.

Antes de indicar a natureza dos esclarecimentos que o *Relatorio* contém, satisfarei uma bem dolorosa curiosidade, em presença do que elle proprio assevera.—As epidemias de Cholera-morbus nos annos de 1853 a 1866 roubaram á patria 31:321 cidadãos.—No que respeita ao anno de 1833, sabe-se apenas que na capital foi de 13:523 o numero das victimas da cholera, e na cidade do Porto o de 3:621.

O *Relatorio* contém variadas noticias acerca da cholera, no periodo que decorre desde 1856 a 1866, incluindo o que respeita a Elvas e Porto em 1865, e Freixo de Espada à Cinta em 1865 a 1866.—Contém igualmente muito proficuas instruções hygienicas contra a cholera, e instruções praticas para a beneficência das casas insalubres, e para a desinfectação das roupas e das casas dos atacados de cholera.—Entre os muitos e interessantes documentos, que acompanham o *Relatorio*, notei particularmente o *Relatorio* especial do sr. F. A. Rodrigues de Gusmão, relativo á epidemia de Elvas no anno de 1865.

Voltaremos em occasião oportuna a fallar do *Relatorio* do Conselho de Saude, que desde já recommendamos á attenção publica.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.